

**FAXINFORME**

CLIPPING

Diário de Notícias

Tiragem: 54.326

Área: 479cm²/ 50%

Data: 01.09.2012

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

FOTO

Cores: 4 Cores Pág: 17



António Hespanha diz ter sido despedido por fazer críticas

Autónoma. Docente apontou falta de investimento científico e académico no ensino privado

ANA BELA FERREIRA

No regresso de férias do Algarve, o professor António Hespanha deparou-se com uma carta da Universidade Autónoma de Lisboa (UAL) a dizer que prescindiam dos seus serviços para o próximo ano letivo. As justificações são “abstratas”, conta o catedrático ao DN, acrescentando que o verdadeiro motivo é o desagrado pela crítica que fez no programa da RTP1 *Prós e Contrás* sobre o desinvestimento científico e académico das universidades privadas.

Uma crítica em que o historiador aponta que as universidades privadas continuam a usar os laboratórios públicos e as suas bibliotecas, por falta de investimento próprio. “Nem cheguei a referir o nome da UAL, referia-me ao panorama geral, mas logo na altura recebi críticas por causa dessa declaração”, admite. O programa foi para o ar a 25 de junho e António Hespanha diz que até se disponibilizou para explicar melhor publicamente o que queria dizer com aquela comparação. “Não era minha intenção atacar a UAL, ainda para mais sendo lá professor.”

A Autónoma não terá achado necessário. “Entretanto fomos todos de férias e até já me tinha esquecido disto. Até ter recebido a carta”, refere. No documento, jus-

tificam o fim do vínculo que começou no ano passado, com “a redução do número de alunos, o que não é possível saber porque as inscrições ainda não fecharam, e com a racionalização do corpo docente”. Este último argumento também parece estranho para o historiador que diz que para algumas das disciplinas que antes lecionava não há ninguém que o possa substituir neste momento, portanto a UAL terá de contratar um substituto. António Hespanha lecionava Teoria do Estado, Filosofia do Direito e História do Direito.

O catedrático, que antes deste ano de aulas na Autónoma já aí tinha sido docente entre os meados da década de 1990 e da década 2000, garante que não quer o lugar de volta. Ao divulgar a sua situação – escreveu no Facebook e no seu blogue – pretendeu apenas despedir-se dos seus ex-alunos e de outras pessoas das universidades e ao mesmo tempo denunciar “o clima de receio que se vive em alguns locais”.

“Quero chamar a atenção para este fenómeno de difusão de um clima de receio que condiciona o que as pessoas dizem e não dizem no seu local de trabalho. Hoje em dia as pessoas têm medo e não fa-

lam por medo. Isso é ainda mais grave numa universidade, que deve ser um local onde a verdade e a liberdade devem estar acima de tudo”, critica o professor.

O contrato de António Hespanha à UAL era anual e por isso a instituição apenas comunicou que não ia renovar a ligação. O professor está reformado mas contava ficar mais uns anos a dar aulas. “O vínculo era anual, mas não contava ser dispensado. Tanto que até já tinha começado a preparar o ano letivo, já tinha o material de apoio e o programa definido.”

O catedrático não quer o lugar de volta: “Não quero estar onde não me querem. Mas lamento isto tudo porque nunca foi minha intenção desprestigiar a UAL, uma universidade onde tenho pessoas com quem me dou bem.” Em reação, António Hespanha mandou uma carta ao reitor da universidade privada, mas não teve qualquer conversa com nenhum responsável.

O DN entrou em contacto com o gabinete de comunicação da UAL que, por causa das férias, não tinha ninguém responsável disponível para uma reação. Ao *e-mail* enviado não houve resposta.



Opinião emitida no programa da RTP 1 terá ditado o despedimento do docente

TENDÊNCIA

Privado perde até 25% das vagas

› Um dos argumentos apresentados pela Universidade Autónoma de Lisboa (UAL) para terminar a colaboração com António Hespanha foi a quebra de alunos. De facto, o ensino privado em Portugal tem vindo a reduzir o número de vagas que coloca à disposição dos novos estudantes. Em alguns casos essa redução chega este ano a 25% das

vagas, tal como o DN escreveu há duas semanas. Na última década, o ensino superior privado passou a ter menos 26 mil estudantes, o que levou ao encerramento de cursos. Em 2000/2001 havia 114 173 inscritos, dez anos depois, em 2011, último ano de que há registo, o número ficava-se pelos 89 mil. Uma quebra que também é sentida no público.